

Sete anos bons

Etgar Keret

Traduzido do inglês por
Lúcia Liba Mucznik

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Índice

Ano 1

- Subitamente, voltamos ao mesmo 11
- Bebé grande 15
- Ponto contra ponto 19
- O que faz falta é uma guerra a sério 23

Ano 2

- (In)sinceramente seu 29
- Meditação em voo 33
- Lagarto, lagarto, lagarto 37
- O judeu que há em nós 42
- Requiem para um sonho 46
- Era uma vez na Sicília 52

Ano 3

- Discórdia no parque infantil 59
- Yom Kipur 64
- Guerra de fósforos 68
- Idolatria 72

Ano 4

- Abaixo as bombas 79
- O que é que aquele senhor disse? 84

A minha lamentada irmã 88

Passarinhos e passarões 95

Ano 5

Pátria imaginária 103

Gatos Maraus 106

Fiteiro 111

Um pecador como qualquer outro 115

Primeira estória 118

O último a ficar de pé 121

Shekel Disney 125

Ano 6

Nada a perder 133

Festa do pijama 138

Os meninos não choram 142

Acidente 144

Um bigode para o meu filho 149

Amor ao primeiro *whisky* 153

Ano 7

Shiva 161

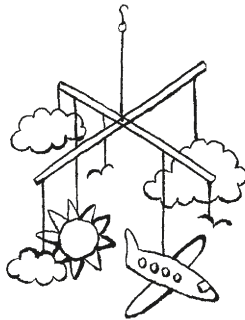
Nas pegadas do meu pai 165

Agridoce 169

Não é má pessoa 174

Pastrami 179

Ano 1



Subitamente, voltamos ao mesmo

«Odeio atentados terroristas», diz a enfermeira magrinha à mais velha. «Queres uma pastilha elástica?»

A mais velha pega numa pastilha e anui. «Que remédio?!», diz. «Eu também detesto as urgências.»

«Não estou a falar das urgências», insiste a magrinha. «Não tenho problemas com acidentes e coisas do género. É dos atentados terroristas que estou a falar. Tornam tudo feio.»

Sentado no banco à entrada da maternidade, penso que ela não deixa de ter razão. Cheguei aqui há apenas uma hora, todo excitado, com a minha mulher e um taxista maníaco de limpeza que a única coisa que receava quando as águas da minha mulher rebentaram era que lhe estragassem os estofos. E agora estou sentado no corredor, cabisbaixo, à espera que o pessoal volte das urgências. Todos, menos as duas enfermeiras, foram ajudar a tratar das pessoas feridas no atentado. As contrações da minha mulher também espaçaram. E é provável que o próprio bebé sinta que esta história de nascer já não seja tão urgente. A caminho da cafetaria, alguns feridos passam em macas que cham. No táxi para o hospital, a minha mulher gritava como louca, mas toda esta gente está silenciosa.

«Você é o Etgar Keret?», pergunta-me um tipo com uma camisa aos quadrados. «O escritor?» Eu aceno com relutância. «Bem, sabe-se lá», diz ele, tirando um minúsculo gravador do saco. «Onde estava você quando aquilo aconteceu?», pergunta ele. Como eu hesitei um segundo, ele diz querendo mostrar empatia: «Leve o tempo de que precisar. Não se sinta pressionado. Você sofreu um trauma.»

«Eu não estava no ataque», explico. «Estou hoje aqui por coincidência. A minha mulher está a dar à luz.»

«Oh», diz ele, sem esconder o desapontamento, e carrega no botão do gravador. «*Mazal tov*». Senta-se ao meu lado e acende um cigarro.

«Talvez deva tentar entrevistar outra pessoa», sugiro, procurando afastar da minha cara o fumo do Lucky Strike. «Há pouco vi levarem duas pessoas para o serviço de neurologia.»

«Russos», diz ele suspirando, «não pescam uma palavra de hebraico. De qualquer modo não nos deixam entrar no serviço de neurologia. Este é o meu sétimo atentado neste hospital, e já conheço os truques deles todos.» Um minuto passa sem que nenhum de nós fale. Ele deve ter uns dez anos a menos do que eu, mas já começa a ter entradas. Quando me apanha a olhar para ele, sorri e diz, «É pena que você não estivesse lá. A reação de um escritor seria uma coisa boa para o meu artigo. Alguém original, com um pouco de visão. Depois dos atentados, obtenho sempre as mesmas reações: “De repente ouvi um bum”, “Não sei o que aconteceu”, “Havia sangue por todo o lado.” É cansativo, não acha?»

«A culpa não é deles», digo eu. «Os atentados são sempre iguais. Que espécie de coisa original se pode dizer acerca de uma explosão e da morte sem sentido?»

«Não faço a menor ideia», diz ele encolhendo os ombros. «Você é que é o escritor.»

Algumas pessoas de bata branca começam a voltar das urgências a caminho da maternidade. «Você é de Telavive», diz-me o repórter, «por que carga de água é que veio ter o filho neste buraco?»

«Queríamos que fosse um parto natural; o departamento deles aqui...»

«Natural?», interrompe ele, com um risinho de troça. «Será que um minorca com um tubo pendurado do umbigo a sair da vagina da sua mulher é uma coisa natural?» Eu nem sequer tento responder. Mas ele continua: «Eu disse à minha mulher, se quiseres ter um filho, só por cesariana, como na América. Não quero que um puto te estique e deixe toda deformada para mim. Hoje em dia, só em países primitivos como este é que as mulheres dão à luz como animais. *Yallah*, ao trabalho.» Começa a levantar-se, e faz nova tentativa. «Mas talvez tenha algo a dizer sobre o atentado?», pergunta. «Mudou alguma coisa para si? Por exemplo, o nome que vai dar ao bebé ou uma coisa assim, sei lá.» Eu sorrio, desculpando-me. «Não faz mal», diz ele piscando o olho. «Espero que corra tudo bem, amigo.»

Seis horas depois, um minorca com um tubo pendurado do umbigo emerge da vagina da minha mulher e desata imediatamente a berrar. Eu procuro acalmá-lo, convencê-lo de que não há nada com que se preocupar. Que quando ele for crescido, as coisas aqui no Médio Oriente estarão resolvidas: a paz reinará, não haverá mais atentados terroristas. E se excecionalmente houver um na semana dos nove dias, haverá sempre alguém original, alguém com um pouco de visão para o descrever na perfeição. Ele acalma-se por momentos, a ponderar o que fazer

a seguir. É suposto ele ser ingénuo – já que é um recém-nascido – mas nem ele próprio acredita naquilo e, após um segundo de hesitação e um pequeno soluço, recomeça a chorar.

Bebé grande

Quando eu tinha sete anos, os meus pais levaram-me à Europa. O melhor momento da viagem não foi o Big Ben ou a Torre Eiffel, mas o voo de Israel para Londres – e, especificamente, a refeição. Na bandeja havia uma lata minúscula de Coca-Cola e, ao lado dela, uma caixinha de *cornflakes* pouco maior do que um pacote de cigarros.

A minha surpresa perante aquelas embalagens-mi-niatura transformou-se em verdadeiro deslumbramento quando os abri e descobri que a Coca tinha o mesmo gosto do das latas de tamanho normal e que os *cornflakes* também eram reais. Tenho dificuldade em explicar a origem daquele deslumbramento. Afinal de contas aquilo não passava de um refrigerante e de cereais de pequeno-almoço em embalagens muito mais pequenas, mas, quando eu tinha sete anos, estava convencido de que testemunhava um milagre.

Agora, trinta anos mais tarde, sentado na minha sala em Telavive a olhar para o meu filho de duas semanas, tenho exatamente o mesmo sentimento: eis aqui um homem que não pesa mais de quatro quilos – mas lá dentro está zangado, aborrecido, assustado e calmo, tal e qual como qualquer homem deste planeta. Ponham-lhe um fato completo e um Rolex, uma pasta minúscula na mão e larguem-no

no vasto mundo, começará logo a negociar, a batalhar e a fechar contratos sem pestanejar. Não fala, é verdade. E suja-se alegremente. Sou o primeiro a reconhecer que tem de aprender duas ou três coisas antes de ser chutado para o espaço ou autorizado a pilotar um F-16. Mas, basicamente, é uma pessoa completa dentro de uma embalagem de cinquenta centímetros. E não apenas uma pessoa qualquer, mas uma pessoa muito especial, excêntrica, uma verdadeira personalidade. Do tipo das que respeitamos, mas não compreendemos totalmente. Porque, como todas as personalidades complexas, independentemente da sua altura ou do peso, tem muitas facetas.

Meu filho, o iluminado: eu que li muito acerca do budismo e assisti a duas ou três conferências dadas por gurus e até cheguei a ter diarreia na Índia, tenho de dizer que o meu filho bebé é a primeira pessoa iluminada que jamais encontrei. Vive realmente no presente: nunca guarda rancor, nem teme o futuro. É totalmente falho de ego. Nunca procura defender a sua honra ou reivindicar um mérito qualquer. A propósito, os avós já lhe abriram uma conta-poupança e, sempre que o embala no berço, o avô fala-lhe do ótimo juro que conseguiu para ele e do pé-de-meia que ele terá à sua disposição, com base numa taxa de inflação média de um dígito, daqui a vinte e um anos, quando a conta vencer. O pequeno não responde. Mas quando o avô calcula as percentagens relativamente à taxa de juro preferencial, eu noto o aparecimento de algumas rugas na testa do meu filho – as primeiras fissuras na parede do seu nirvana.

Meu filho, o junkie: peço desculpa a todos os viciados e ex-viciados que lerem isto mas, com todo o devido respeito por eles e pelo seu sofrimento, tenho de dizer que

nenhuma tara chega à do meu filho. Como todos os verdadeiros viciados, não tem, no que respeita a passatempos e ao contrário das outras pessoas, a possibilidade de escolher entre várias atividades familiares – a leitura de um bom livro, um passeio de fim de tarde, um jogo na televisão. Para ele há apenas duas possibilidades: o seio ou o inferno. «Deixa lá, não tarda vais descobrir o mundo – miúdas, álcool, apostas ilegais *online*», digo eu, tentando tranquilizá-lo. Mas enquanto tal não acontecer, ambos sabemos que apenas existe o seio. Felizmente para ele e para todos nós, tem uma mãe provida de dois. No pior dos casos, se um falhar, há sempre o sobresselente.

Meu filho, o psicopata: Às vezes quando acordo de noite e vejo a sua pequena figura a agitar-se na cama perto de mim, como um brinquedo a gastar as pilhas, produzindo ruídos estranhos, não consigo deixar de o comparar na minha imaginação ao diabólico boneco Chucky do filme de terror *Brinquedo Assassino*. São da mesma altura, têm o mesmo temperamento e para eles nada é sagrado. É isso que é verdadeiramente chocante no meu filho de duas semanas: não tem ponta de moralidade, nem uma pitada. Racismo, desigualdade, insensibilidade, globalização – está-se completamente nas tintas. Nada o interessa para além das suas pulsões e desejos imediatos. Para ele, os outros podem ir para o inferno ou juntar-se à Greenpeace. A única coisa que quer e já é leite fresco ou alívio para a assadura do rabo. E se para o obter o mundo tiver de ser destruído, mostrem-lhe o botão. Não hesitará em premi-lo.

Meu filho, o judeu que se odeia a si próprio...

«Não achas que já chega?», diz a minha mulher, interrompendo. «Em vez de inventares essas acusações

históricas contra o teu adorável filho, porque não fazes algo de útil e lhe mudas a fralda?»

«OK», digo. «OK, estava mesmo a acabar.»